

# XENÓ LITOS

Fragmento de rocha preexistente, envolvido numa rocha magmática.

CIDADES  
BRASILEIRAS  
(SELECIONADAS),  
DE VILÉM FLUSSER

— TRADUÇÃO DE GABRIEL S. PHILIPSON

## RIO DE JANEIRO 400 ANOS (1965)

Pode parecer insignificante um período como este a leitores da região Mediterrânea. É possível que lhes pareça que as festividades, celebradas de modo carnavalesco na cidade de Guanabara desde o primeiro dia de janeiro e provavelmente ano adentro, não tenham nenhuma relação com este insignificante aniversário. O estado da Guanabara (chama-se agora assim o antigo Estado em que o Rio de Janeiro está) festeja, entretanto, um outro tipo de história. No barro primevo das terras banhadas por rios correntes, a roda do tempo roda de outro modo de como ela roda sobre o plano asfalto das estradas federais brasileiras. São outras medidas e outros relógios que medem aqui e ali a rotação dos períodos. O que ainda é presente em terras mediterrâneas, já é há tempos passado aqui, nas costas do Atlântico Sul, e o que ali concerne ao futuro, no Brasil não se pode diferenciar muito bem do presente. A diferença na experiência do tempo depende talvez do conceito de tradição. Ali as pessoas sabem-se inseridas no rio das gerações. Aqui, a gente sente que tudo o que se faz promete ou ameaça se tornar tradição. Ser um brasileiro há 400 anos: significa ser brasileiro desde a origem dos tempos. Ser um brasileiro há 20 anos: é ser um brasileiro antigo. Ao fazer 400 anos, o Rio é uma cidade velhíssima.

Como pela lei da queda livre, aqui a passagem do tempo é acelerada geometricamente. Os primeiros 200 anos da história cultural brasileira correspondem talvez, em poesia e novidade, aos últimos 10 anos. Na literatura, por exemplo, há um ponto de virada decisivo: o ano de 1922. Antes podia-se distinguir duas ou três tendências, depois as 'escolas' seguem-se umas às outras em arroubo impressionante. O mesmo vale, *mutatis mutandis*, para todos os fenômenos históricos. Para a economia não menos do que para a política, para a densidade populacional não menos do que para os costumes. O Brasil é mesmo, como se diz hoje em dia, "uma terra em desenvolvimento". Como todo clichê, esse também possui um grão de verdade escondido sob uma casca de besteiras. Este artigo tem a intenção de descascar e tirar para fora esse grão, tendo como desculpa os 400 anos da cidade supostamente mais linda do mundo.

Sem dúvida a vivência da historicidade é uma consequência da liberdade. Apenas como ser-aí livre eu vivencio meu destino como história. História não é tanto aquilo que me acontece, mas o que eu faço acontecer. Ela é uma sequência de decisões que eu tenho que encontrar. Decisões são momentos de crise. História é uma sequência de crises. Apenas uma existência livre está em crise. Homens sem liberdade não

têm crise, e neste sentido não têm história e são “felizes”. Uma boa parte da “história” brasileira não é, nesse sentido, história. As decisões cabiam a Portugal, e os protobrasileiros viviam uma existência feliz, tropical, colonial, sem decisões. Nesse sentido, o Rio é pré-histórico. Um aroma agridoce, leve, de saudade desta condição paradisíaca ainda é perceptível. É esse aroma que os turistas procuram. É, no fundo, esse “*locus amoenus*”, essa ilha paradisíaca que já as caravelas portuguesas que descobriram o Brasil procuravam. Mas o Brasil atual está um pouco mais ao ocidente do Éden. Desde as Guerras Napoleônicas, o centro das decisões se desloca cada vez mais da Europa, em um tipo de fissão nuclear, para leste e para o oeste. Cada vez mais decisões podem, com isso, ser encontradas no Brasil. E estas decisões possuem um alcance e um raio de consequências crescente. Ainda se conserva o ponto principal da liberdade no Norte, mas, na antecipação do futuro próximo, todos os atos têm aqui uma tensão decisiva. O Brasil se prepara para se tornar uma “potência”, não apenas no sentido geopolítico, mas também no nietzschiano, se tornar uma potência também como “vontade”. Assim, o Rio ainda não nasceu nem sequer uma vez nesse sentido, apesar de seu aniversário de 400 anos.

A vontade que aqui ameaça tornar-se de potência, isso é, passar a ser de potencial a efetiva, já atravessou em parte a fronteira entre ambas as áreas. A cultura material e espiritual desse país o prova. É possível realmente reconhecer a tendência do que está por vir, apesar de a realidade alcançada levar ainda em parte a marca daquilo que foi tomado emprestado – do europeu, do americano e do asiático. É da síntese criativa do tomado de empréstimo que cresce algo de novo. Novas formas e novos conteúdos vêm à palavra na arte figurativa e na poesia, na música e no cinema. Elas são expressões de uma nova vivência da realidade. Nelas, o ocidente fatigado é superado criativamente em direção a um novo efeito. Nesse sentido, o presente do Brasil é já o futuro do ocidente. Neste artigo, gostaria de dar atenção a um único aspecto dessa superação, a saber, à superação dos preconceitos.

Preconceitos não são exatamente conceitos [*Urteile*] antes do caso, mas sim conceitos que a tradição impõe a quem conceitua. Eles restringem-no em seu campo de decisão. O deslocamento do centro das decisões rompe no Brasil a cadeia da tradição, dinamita a crosta de preconceitos e limpa o campo das posições tomadas *a priori*. A consequência é uma sequência de conceitos tomados às apalpadelas que se comprovam em sua maioria como falsos. Mas a essas apalpadelas, a esses avanços e retrocessos, corresponde uma mentalidade do ser público, da generosidade e da tolerância, vivida, positivamente, como pura liberdade e, negativamente,

como vadiagem. Se for possível disciplinar essa mentalidade, o Brasil está se estabelecendo como a primeira civilização livre de preconceitos do ocidente. O aniversário de 400 anos do Rio é uma ocasião para aquele que está fora voltar sua atenção a este laborioso processo de formação.

## BRASÍLIA OU A CIDADE DE QUAL FUTURO? (1970)

Que a realidade não seja como deveria ser é uma crença que diferencia os homens dos animais. Esta crença é responsável pela cultura, significando a tentativa de transformar a realidade pelo trabalho de tal modo que ela se torne como deve ser. Assim, a cultura pressupõe claramente que não apenas se sabe que a realidade não é como ela deveria ser, mas também que se sabe, mais ou menos, como a realidade é e como ela deve ser. Sem dúvida, a gente sabe sempre melhor como a realidade é, e sempre pior como ela deve ser. A esta contradição se dá o nome de “progresso da ciência”, por um lado, e, por outro, de “crise dos valores”. Um excelente exemplo desta contradição oferece Brasília, talvez a maior obra cultural da última década.

Um método possível para se compreender a praticamente inacreditável *Fata Morgana* de mármore, ferro e concreto, de geometria concretista e símbolos surrealistas, conglomerada no planalto brasileiro infinito, parece ser o seguinte: imagine que ao fundar Alexandria, Alexandre não apenas quisesse centralizar o mundo helênico, mas também tornar a utopia de Platão real. E é preciso ter em vista que o império helênico de Alexandre contradizia em muitos pontos a utopia platônica que se dedicava claramente contra a estrutura deste tipo de império. Ao se projetar esta imaginação à Brasília, começa-se a compreender o processo inacreditável que está acontecendo ali.

O império alexandrino corresponde nessa projeção ao grande Brasil de Kubitschek, e a utopia platônica, à cidade do futuro de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Contudo, as dimensões brasileiras são bem maiores do que as helênicas, o projeto é mais ousado, e os métodos para alcançá-lo são igualmente mais revolucionários e pacíficos. Mas também não se pode comparar em profundidade a contradição entre o Grande Brasil e a cidade do futuro com Platão e a Alexandria de Alexandre. Sabemos mesmo muito menos do que os antigos o que deve ser.

O Grande Brasil é um valor daquela tradição megalomaniaca que distingue um aspecto central dos modernos. (O adjetivo “grande” desperta nos leitores alemães com certeza certas recordações). No Brasil, essa tradição se latinizou, o que significa, neste caso, ter recebido conotações cartesianas. Para realizar o grande Brasil, a ideia seria desenhar uma cruz no centro geográfico do gigantesco país, que tem a forma de um quadrado losango. Leve-se em consideração que o quadrado, fora das extremidades

Nordeste e Sudeste, é vazio, e que nisso está o motivo porque o gigante Brasil ainda está provisoriamente deitado em berço esplêndido. Nessa cruz cartesiana se edificaria o grande cruzamento de avenidas. Significa que dali em diante se estenderia vias arteriais de asfalto, de ferro e de eletricidade, para formar do foco em diante o quadrado brasileiro. Essas artérias seguiriam na direção do Nordeste sedento, faminto e populoso, para introduzir as massas subdesenvolvidas no processo cultural, social e científico. Na direção Sudeste, para que a sociedade empreendedora, avançada, que se desenvolveu rapidamente e que se encontra na costa, arranque e se libere em direção ao Oeste. Em direção ao Norte e Sul e para todas as direções do Oeste, para povoar as regiões vazias do país repentinamente e de uma só vez e para dar acesso à cultura (e não de modo vacilante e gradativo como nos Estados Unidos do século passado). Transportar-se-ia, da beleza tropicalmente lasciva da colina do Rio, o coração do Brasil para os planaltos sóbrios, frescos e claros do centro. Ali se forçaria a síntese dos inúmeros elementos da sociedade brasileira e se atingiria a identidade brasileira como o núcleo de uma nova potência mundial. Tudo isso empreendido levando em conta as dificuldades econômicas, sociais e culturais, que, junto com os perigos a elas ligados (por exemplo a inflação, o choque de diferentes níveis de cultura, etc.), foram aceitas conscientemente, estando todo o processo engendrado a partir da vontade de um povo provisoriamente pobre. É difícil encontrar um paralelo para a grandiosidade de uma determinação como essa na história.

A cidade do futuro é um valor ancestral, ao menos tão antigo quanto a Bíblia, e Platão, Agostinho e Hobbes pertencem a seus professantes. Mas hoje esse valor possui uma página completamente nova: a cidade do futuro é onde mora o novo homem, ou seja, o homem que superou a alienação com a tecnologia, a qual lhe permite, de modo nunca antes imaginado, levar uma vida feliz. O novo Brasil não é nada senão um pretexto a quem persegue um valor como esse. Esse pretexto lhe oferece a possibilidade única de alcançar o futuro, por assim dizer, do nada e no nada – uma cidade que igualmente destaca e ultrapassa a técnica. Decerto uma cidade que é um aparato sincronizado, mas que foi construída de tal forma que não impede o desenvolvimento orgânico do homem e dos grupos, mas, antes, o possibilita de modo adequado. Uma cidade com centros claros e grandes de se morar, de se divertir, de cultura, de ensino e de trabalho, mas de tal modo que esses centros se ramificam organicamente em pequenas unidades e essas ramificações permitem de modo dinâmico o crescimento destas unidades e do todo. Uma hierarquia, portanto, que transforma igual e constantemente a si mesma e

a posição dos indivíduos e dos grupos no interior da própria hierarquia. Uma estrutura aberta, para falar ciberneticamente. Uma cidade na qual faz sentido viver.

Para realçar esse sentido, a cidade é igualmente aparato e símbolo, máquina e mensagem. A planta da cidade é um avião como símbolo do futuro que se inicia. O corpo do avião é o centro da administração com o eixo monumental, a praça dos três poderes e a esplanada dos ministérios e dos palácios administrativos. Essas duas semiesferas do parlamento são símbolos da independência mútua das duas casas, e também de como elas formam, como casa inferior e superior, um todo esférico. A asa leste do avião é ou estruturada em blocos habitacionais gigantescos que, por sua vez, constroem unidades habitacionais independentes uma das outras, ou cubicamente dividida em casas unifamiliares que constroem unidades maiores de vida. Cada grupo é autônomo, tem suas próprias lojas, escolas, igrejas, clubes esportivos, mas estão também inscritos no todo da cidade, pois sua zona corresponde às posições hierárquicas dos moradores inseridos na sociedade e essa posição reflete na qualidade das instalações. A asa oeste, ainda não desenvolvida, deve unificar em alto grau a vida social e cultural da cidade. Ou seja, uma cidade que projeta o novo homem foi projetada para que este projete a si mesmo. Pode-se caracterizá-la do melhor modo assim: a cidade sem cruzamentos, a cidade de parâmetros abertos, ou seja, de futuro ilimitado.

Provavelmente a grandiosidade desse planejamento é ainda mais impressionante do que aquela que tem o grande Brasil em mente. Ambos os valores segundo os quais Brasília foi projetada se contradizem de modo evidente. No grande Brasil não haveria lugar para o novo homem, pois o que quer que seja o novo homem, não faz sentido chamá-lo de brasileiro. E, caso fosse preciso, o novo homem não saberia o que fazer com o grande Brasil, pois o que quer que seja o grande Brasil, este não é a utopia do novo homem. Essa contradição básica é perceptível em toda parte no Brasil. Ela é responsável por ambos os valores fundamentais se deformarem, na medida em que o Brasil se transforma em realidade – o valor do novo homem ainda mais compreensivelmente do que o do grande Brasil, já que este é mais fácil de ser realizado do que o da vida feliz.

Vale dizer que embora os dois valores possam parecer tão temerários, suas concretizações estão sendo tentadas e estão em execução em larga escala. Vias, estradas e canais de comunicação foram cravados na mata virgem e na estepe desértica, e centenas de milhares de pessoas abandonaram seus lares para se estabelecer em Brasília e na beira das ruas. A macumba nordestina e a música eletrônica do Sudeste preenchem igualmente as noites de uma região que há pouco ainda era selva. E apesar das



mudanças frequentes na administração do país, esse imenso processo, que dura já por volta de uma década, não pode mais ser revertido.

Quais são seus resultados provisórios? Sem dúvida a geografia do país se alterou, e sem dúvida está surgindo um novo tipo de homem. No que diz respeito à geografia, permanece de lado em que medida ela impulsiona o grande Brasil ou se ele também iria se desenvolver sem essa mudança. Mas, quanto ao novo tipo de homem, não há dúvida que ele apenas de muito longe assemelha-se ao novo homem. Não é o ideal daqueles que projetaram Brasília que o funcionário seja descolorido, que a dona de casa se acurrale em um quadrado minúsculo, que a criança, geometricamente enclausurada, cresça no quintal de trás, que, enfim, a família se conecte com o mundo apenas pela televisão. Essa não é a cidade da vida feliz em comparação, por exemplo, com o Rio de Janeiro que foi deixado para trás. Em Brasília, logrou-se até mesmo fazer cinzentas e feias as brasileiras charmosas, femininas e graciosas, uma consequência do super-harém em que vegeta seu destino. É capaz que o homem de Brasília seja realmente – *horribile visu* – o homem do futuro, isto é, o homem no aparato triunfante, e nesse sentido, é capaz que Brasília realmente seja um modelo para todas as cidades do futuro. Mas não era isso o que se queria.

Tal descrição da cidade poderia suscitar a impressão de que se tivesse derrubado mutuamente dois planos que se cruzam um com outro. A impressão não seria correta. Pelo contrário: Brasília é um exemplo colossal de que o homem não apenas faz planos para modificar radicalmente a realidade, mas de que seus planos podem se transformar em realidade para também radicalmente transformá-la. Igualmente, contudo, Brasília é um exemplo para o fato de que o homem não sabe o que ele quer, ou, o que é o mesmo, de que ele quer igualmente coisas contraditórias entre si. Nesse sentido, ainda mais do que para o grande Brasil ou para o novo homem, Brasília é um modelo para toda a humanidade. É bem possível que Brasília seja escolhida pelo historiador do futuro como um exemplo para a crise dos valores no século XX, já que é um fenômeno que surgiu da crise e que a espelha.

## BRASÍLIA OU PROJETOS FRUSTRADOS (1970)

O artigo a seguir é consequência de uma vivência e se propõe a pensar o vivido captando com pensamentos duradouros o que paira na aparência vacilante. Esse trabalho irá tentar realizar este intento algo precipitado do seguinte modo: primeiro, será descrita a sensação que Brasília despertou em um visitante, que se colocou de modo artificial e ingênuo, isto é, em um visitante que procura se aproximar fenomenologicamente da cidade. O visitante chegou da estrada que traz de São Paulo. Em segundo lugar, será empreendida a tentativa de analisar o fenômeno Brasília de tal modo que algo de sua essência apareça. E em terceiro, serão erigidas conclusões dessa análise. Isso tudo será empreendido porque a vivência Brasília é de um modo tal que é capaz de modificar ao menos alguns aspectos da vida de quem a vivenciou.

A estrada que vem de São Paulo cruza, depois de deixar o Estado de São Paulo, dois rios que irão formar o Rio Paraná e, em seguida, o Rio da Prata. Entre eles está a estepe triangular do Triângulo mineiro. Então ela sobe um pouco para o planalto [*Hochebene*] brasileiro, o chapadão sem fim, o planalto [planalto]. Na literatura brasileira, ele foi muitas vezes descrito. Ele é, por exemplo, o palco para a grandiosa obra de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*. Ele mantém-se indescritível. Mas está lá, um desafio de primeiro grau (algo como a Lua), e não deve permanecer indescrito. Seria possível definir Brasília como a tentativa de não deixar que o chapadão permaneça em folhas em branco. Todavia, ele não tem nenhuma dimensão habitável pelo homem e impede qualquer tentativa de se orientar. Como pode se descrever algo sem medida para nós? Talvez o melhor modo seja como um nada no qual a seguinte pergunta se impõe: “Por que há algo em geral?” Pois no nada há algo, e o chapadão não é um deserto no sentido mais desértico e terrível dessa palavra: há inumeráveis seres vivos, crescidos nas ondas das colinas que se sucedem monotonamente sobre o azul sem nuvens e sem compaixão do céu ilimitado. Afligidos, encurvados, suas extremidades áridas fantástica e pateticamente alargadas, arbustos do diabo. Aqui e ali um vale escondido, só vistos quando se chega muito próximo, pululantes em voluptuosidade trópica, vigiada por uma espaldeira de buriti, as famosas veredas. Tudo isso estende-se por centenas de quilômetros ao léu em qualquer direção sob o olhar à espreita do abutre ávido e circundante. Se, outrora, tivesse ocorrido nessa paisagem uma revelação à humanidade (como por exemplo

aconteceu em Sinai), tal revelação necessariamente seria do modo de um maniqueísmo como o de Sinai? Este, portanto, os bastidores teológicos de onde Brasília se destaca.

Brasília, a capital federal do antigo império, a dos talvez muitos impérios universais vindouros. De qualquer modo, a capital de um país rico, não de um pobre, subdesenvolvido. Super-humano, que trata com desprezo o humano, que ultrapassa todos os limites das ordens de grandeza humanas. Uma cidade, portanto, imperial, tal como o chapadão ainda que também em contraponto a este. E tal como o chapadão, essa inumanidade em Brasília também é igualmente entusiasmante e horrível. Impõe-se espontaneamente comparações com o México, a Babilônia e o Egito, pois sempre se está à procura de ancorar o novo no velho para pôr o inaudito em um lugar a que já previamente pertence. Mas as comparações que se impõem trazem ainda mais ao campo visual a diferença do novo em relação ao velho. Por exemplo, o ponto focal de Brasília, a praça dos três poderes. É fácil e recorrente chamá-la de faraônica. Mas as pirâmides são símbolos para a transcendência da morte, e diante de tal majestade o homem torna-se compreensivelmente verme. A praça dos três poderes, ao contrário, é um símbolo gigante para uma formação do direito público do século XVIII que sempre foi estranha ao Brasil, nunca funcionou corretamente, e hoje menos ainda. Do ponto de vista de um tal caráter duvidoso, o papel dos humanos não está tanto em ser verme, mas parafusos e arrebites. Com efeito, sente-se não apenas como que encolhido, mas também “instrumentalizado” nas enormes plataformas que formam uma espécie de palco das principais ações estatais futuras entre o supremo tribunal e o palácio do governo. E sente-se como uma demonstração da falta de sentido da existência instrumentalizada que estejam momentaneamente vazias as famosas meias-esferas do parlamento que repousam na plataforma e que dramaticamente a arrebentam: como a problemática da relação entre símbolo e significado. Esta não havia no Egito, e o significado das pirâmides continuou, ele mesmo, ainda fora de questão até quando elas se desmoronaram. Mas o significado dos três poderes já está em questão durante a construção de Brasília.

Uma rua triunfal segue de modo babilônico deste ponto até o santuário da contemporaneidade – a estação rodoviária, o grande cruzamento de ruas. É o eixo monumental [Eixo Monumental], o eixo monumental [*Monumentale Achse*]. Em torno dele, portanto, giram cidades, impérios e, talvez, no futuro, a esfera terrestre, que podemos adivinhar atrás do horizonte aberto do Chapadão presente em toda parte. Provisoriamente ele ainda está um enorme vazio [*gähnend leer*], cujo “bocejo” [*Gähnen*] é não só por um tédio infinito, mas também por um abismo sem fundamento

[*bodenlosen*]. Mas este tédio abre-se, ao olhar visionário (e qual olhar não é visionário em Brasília?), em um panorama do futuro: em frente a ele as estradas geometricamente flanqueadas de blocos enormes dos ministérios, em frente ao esqueleto da catedral (chamada jaula do Espírito Santo) e em frente à pirâmide em degraus do teatro municipal apinha-se a massa rejubilante das formigas garimpeiras e dos enviados e embaixadores de Marte e Júpiter que veneram entusiasticamente o grande irmão do século 22. E basta com isso de jactância aos aspectos monumentais de Brasília; que sejam omitidos por questão de bom gosto sua pompa, seu esplendor e sua nova prosperidade. O homem é, enfim, “ultrapassado” e, com isso, também o é a tradição dos homens como medida de todas as coisas. Mas os gregos tinham a palavra “húbris”, e a Bíblia tem uma passagem que versa sobre a Torre de Babel.

Com efeito, a desmedida para o homem aponta não apenas para o grande. Aponta também para o tornar miniatura, o tornar mínimo: brevemente, o mini é uma de suas metas. E de fato a grande ave Brasília estende uma asa ocidental (a oriental ainda não se levantou), que poderia ser denominada arcaicamente de um “quarteirão de moradia”, que é um triunfo do pequeno. Isso, embora o plano seja quadrado, e não pentagonal; mas, de resto, tudo concorda perfeitamente. Trata-se de casinhas de miniaturas, cubículos, em diferentes níveis de bem-estar e de decadência que se ordenam por quadra e superquadra. E apresentam-se os pátios internos, nos quais a vida se passa, em torno dos enormes blocos habitacionais com centenas de minúsculos apartamentos de hierarquias idênticas, com suas cozinhas negligenciadas e toaletes, e cujas frentes suntuosas dão para o nada externo. Pois Brasília é uma cidade sem ruas. Lojas e comércios, escolas e cinemas, clubes e igrejas estão alojados no único centro de uma única quadra. Ali as crianças brincam, protegidos do Chapadão e do trânsito, ali as mulheres relacionam-se, ali é atada e desatada a suave fita do amor, ali sonham os homens com o grande futuro. As pernas dos primatas pertencem ao passado, e, do ponto de vista das leis biológicas, elas ficarão sem dúvida atrofiadas. É ali, sobretudo, que o novo homem está em devir.

O endereço desse alfa, beta e gama consiste de algarismos e letras que revelam para os iniciados em qual ministério o cidadão trabalha e qual cargo exerce, quantas crianças ele tem, e quando ele se mudou para Brasília para trocar Copacabana por esse paraíso. De qualquer modo, e por motivos indecifráveis, a prefeitura modifica periodicamente os algarismos dos endereços, de modo que encontrar um amigo através da igualdade cartesiana dos locais torna-se um empreendimento sem esperança, e, ao mesmo tempo, a única aventura que Brasília oferece. Pelo

mesmo motivo, talvez as crianças ainda não nascerão com endereços geneticamente predeterminados na barriga. Pois, além disso, manda sobre todos, como providência, a NOVACAP, a prefeitura que planeja a nova capital, uma espécie de grande vaca e *magna mater*, embora em forma de aparato. A grande mãe NOVACAP e suas crianças pequenas e crescidas, os funcionários. Assim é Brasília, a cidade-lua do futuro.

Ocorre que ela não é exatamente assim, pois no pano de fundo, e oficialmente desconhecido, esconde-se a cidade livre [*Freie Stadt*], a cidade livre [Cidade Livre]. Um faroeste com comerciantes e negociantes, bordéis, locais de dança, casas de madeira e estradas de terra, miséria e doença, dança e canto, com igrejas e magia negra. Ali moram os trabalhadores que constroem Brasília e para lá viajam os funcionários. É uma cidade humana, e, sobre ela não devemos gastar mais saliva. Conhece-se isso. E tudo isso se assenta, para centenas de milhares, no panorama vazio da lua, no nada que Guimarães Rosa começou a descrever como “nonada” (no nada).

## A CIDADE DOS FEDORENTOS (1985)

Ouve-se ser próprio das cidades que elas declinem em escombros e cinzas, mas é inaudito que de cinzas e escombros possam surgir. O inaudito de um tal alvorecer possui ao menos três motivos: primeiro, não estamos acostumados a ver fenômenos culturais de modo circular. Por exemplo, acreditamos, na ruína do Ocidente, não necessariamente no seu alvorecer posterior. Segundo, “cinzas e escombros” não são para nós fundamentos de uma cidade, mas seus resultados, de tal modo que não se deveria dizer, na verdade, que uma cidade teria se declinado em escombros e cinzas, mas se arruinado na forma de escombros e cinzas. E, terceiro, temos para nós estranhamente que alvoreceres são melhores do que ruínas: acreditamos que escombros e cinzas são indignos de um alvorecer. São Paulo pode, contudo, nos ajudar a descartar esse preconceito. A cidade está arruinada e está novamente alvorecendo. Ela consiste de entulho e a sua ruína nos anos 50 era mais bonita e agradável do que o seu atual alvorecer.

O que acontece em São Paulo é bastante didático. Não apenas porque os três preconceitos mencionados – o contra o ciclo, o contra o fundamento e o contra a ruína – ali são varridos e através disso torna-se clara a verdadeira situação: a cultura se desenrola como a natureza, seus fundamentos são desagradáveis, e é mais agradável viver na decadência do que no desenvolvimento. No entanto, para além disto, deve-se ver e vivenciar didaticamente o que de fato se quer dizer com o conceito de “poluição”. Com efeito, esse conceito está a ponto de tornar-se clichê, e começa, como se espera dos clichês, a se debater às cegas – lamentavelmente, pois o “ambiente” (qualquer que seja) parece digno de um ver incondicional e não deveria ser acobertado com ideologias. Em São Paulo pode-se vivenciar que está na hora de dar à luz, ao lado das ciências da natureza e humanas, também a uma ciência do fedor, do barulho e da crueldade, ou seja, uma ciência do lixo. Que não se diga que uma tal ciência esteja a ponto de ser empreendida, que a ecologia se relaciona com detritos, a arqueologia vasculha restos de cozinha e a psicanálise não teme revolver os cantos mais repugnantes da alma; o fenômeno São Paulo exige o reconhecimento destes três campos de realidade – natureza, cultura e lixo – e o da nossa condição através destes igualmente considerados. Também o campo lixo demanda ser pesquisado sistematicamente. Apenas uma ciência do lixo pode atualmente salvar os habitantes de São Paulo de uma morte pelo fedor, do contrário inevitável.

Os ambientalistas do assim chamado mundo desenvolvido, Madame Bardot, por exemplo, que chora pelas foquinhas, ou os antiatômicos in-

dignados, e, no entanto, violentos, colocam um problema ideológico: eles são “de direita”, porque se voltam romanticamente para a natureza, ou “de esquerda”, porque furiosos contra a sociedade do consumo? Ou eles são mesmo “novos”, quer dizer, neodireitistas ou neoesquerdistas? Não se pode entrar em tais picuinhas no caso de São Paulo, o que naturalmente não impede os paulistanos de discutir profundamente o problema dos “verdes” europeus sem sequer tematizarem o problema ambiental de São Paulo. Um não tem nada a ver com o outro.

Em São Paulo, os ambientalistas não são um problema político, mas uma questão privada: qual gota para ouvido, cataglossos, inalador e colírio devo utilizar? Uma vez que eu preciso superberrar mais alto que a cidade quando eu falo, que preciso fazer a comida supercheirar para além do fedor da cidade quando eu cozinho e que preciso perfurá-la através do denso e do rarefeito (“denso” refere-se ao ar e “rarefeito” à gasolina), o ambiente não se representa como um espaço público (uma “república”), mas como um espaço privado limitado, algo como um cárcere. O ambiente deixa de ser um problema político e torna-se um existencial, assim que ele me importuna – e isso vale em geral para todos os perigos políticos então existentes, agora, contudo, tornados existenciais: não posso politizar aquilo que tem a ver diretamente comigo e que me faz correr perigo de vida, mesmo quando eu sei que o perigo vem de um espaço público. É totalmente absurdo apenas falar, quando se está em um ar de uma república que não deixa ver ao redor, como, por exemplo, do sistema partidário ou da assim chamada “abertura”. À vida republicana pertence também o olhar no rosto do próximo: tomar decisões olhos nos olhos. Onde o ar é demasiado marrom, o barulho demasiado alto e o trânsito demasiadamente intenso, aí não é possível nenhuma discussão de vida política: a comunicação é impossível. “Viver politicamente” significa transformar-se com os olhos postos nos outros para os modificar, significa, portanto, “tornar público” [*Veröffentlichen*]. Dado que em São Paulo não existe “abertura pública” [*Öffnung*] para tornar público (o ambiente é demasiadamente imundo), não há em geral problema político algum. Dito de outro modo: onde o ambiente é um problema existencial, não há nada de político que poderia me atingir. Todavia somos atingidos pela poluição, seja dos gases dos escapamentos, seja da gritaria do eco elevado dos assim chamados acontecimentos. Mas estes, vindos do além do horizonte da sujeira das notícias que nos penetram, servem apenas como pretexto para que os problemas existenciais sejam denegridos.

De tal escombro e de tais cinzas está alvorecendo, então, uma gigantesca cidade no horizonte da humanidade espantada. Não como uma espécie de fênix, também nem um pouco como, da lama, a flor de lótus,

mais como um dragão cuspidor de fogo que escapou de répteis escorregadios. (Tendo em vista os milhões de paulistanos japoneses deve-se ressaltar aqui que, no Oriente, o dragão tem o papel de uma espécie de anjo para nós). É possível que um europeu ingênuo e paternalista ao vir voando do Rio, estando o avião preparado para pousar e tendo atravessado a imensa cortina de poluição que encobre São Paulo, observe aterrorizado a paisagem que se oferece a ele, arregale os olhos e pergunte: “o que é isso, pelo amor de deus?”. É uma reação natural ao inesperado acontecimento que despreza as dimensões demasiado humanas.

É difícil dizer o que é isso que o viajante descobre ali. Poderia ser uma cidade do futuro, na qual homens de culturas heterogêneas procurariam criar, por magia, uma segunda Manhattan. Poderia ser uma *Fata Morgana* que teria atraído bem mais do que dez milhões de homens de todos os cantos do mundo para que então abandonem seus destinos a uma morte pelo fedor. Poderia, porém, também ser uma versão de uma monstruosa fazenda de escravos, na qual os supervisores moram em edifícios luxuosos e os escravos em milhões de cabanas de lata e todos esfalfam-se para fazendeiros *gentleman* dos Estados Unidos, da Europa e do Japão. Pode ser. Poderia, evidentemente, também significar algo bem diferente, mas não antes de uma revolução jamais vista. Mas tudo isso pode apenas ser, se muito em breve acontecer algo para salvar os enfermos sob o céu castanho amarelado. ■



**ORIGINAL**

FLUSSER, V., 1994. *Schrifte*. Band 4. Brasilien oder die Suche nach dem neuen Menschen: Für eine Phänomenologie der Unterentwicklung. Mannheim: Bollmann Verlag. Págs. 267 a 286.